

Os olhos brancos cintilaram:

— Pois não é? Está a compreender porque é que tenho medo de que alguém queira abusar dela e me faça mulher martirizada e dedicada a um amor sem ganho?

— Não tenha. Porque iria alguém fazê-lo? E como havia de contar-se a história se uns estão mortos e outros estão longe?

Ela sorriu-me como quem é consolado.

— Ninguém ia, pois não?

— Nem pense nisso.

*Hélia Correia  
Vinte Anos e Outros Contos,  
Relatório da Água, 2014*

## Uma Noite em Luddenden

— Trinta anos — disse a cara no postigo —, trinta anos e não vos compreendo.

A cara combinava com a noite, nevada e resistente ao temporal. Timothy Wormald estava habituado a que aparecesse gente a altas horas. Mas um desconhecido com sotaque não era frequente em Luddenden. Lidar com a estranheza, no entanto, jamais constituiria um problema para os habitantes do medonho vale. Naquele dia, por exemplo, perpassara um vento horizontal que assobiava na largura minúscula das ruas como se fosse o espírito de um rio. E, nas encostas, todo o gelo brilhava sem que um floco, uma folha, se mexesse. Os carneiros desciam para junto do calor emanado pelas casas. A tinta com que os donos os marcavam fazia lembrar máscaras de guerra. O sino da igreja de St. Mary tocara a despropósito mas isso não transformou ninguém. Medo haveria se se pensasse num tremor de terra.

Wormald abriu a porta devagar. O vento horizontal fazia o homem procurar equilíbrio, como um bêbedo. «E quer entrar?»

— Já quero entrar desde ontem — respondeu o estrangeiro. — Mas perdi-me.

O estalajadeiro olhou para dentro, rindo, porque o homem mentia e ele achou graça. Ninguém que se perdesse no Inverno poderia viver para o contar. Restava nessa noite um só cliente e era para ele que Timothy olhava, fazendo o comentário sem palavras. Uns cabelos vermelhos oscilaram no limite da mesa. O movimen-

to poderia tomar-se pelo efeito de uma corrente de ar sobre a luz pobre. Mas existiam na verdade aqueles cabelos, um pequeno homem ruivo sem feições, como que corroído pelo escuro.

No instante em que a porta se fechou, o forasteiro pareceu desanimar. Deixou cair o sacco e pelos ombros muito curvados revelou a sua idade: «Chegue-se ao lume», disse Wormald, sem gentileza. A filha já se retirara e ele não tinha vontade de servir comida quente. Mas o homem sabia obedecer ou assim parecia. Aproximou-se da cintilhação fraca da lareira e o coração de Timothy Wormald amoleceu ao vê-lo aureolado pelo vapor da sua própria roupa. Reparou na brancura da pele por sob a barba e nas mãos azuladas que tremiam. Por alguma razão, nem o braseiro conseguia mudar a cor do homem. O estalajadeiro deixou mais turfa e o pequeno ruivo suspirou. Chegou-se atrás, incomodado pelas faíscas. Era nitidamente uma pessoa que tem dificuldade em acordar, seja qual for a hora e o grau de interesse. Mas Wormald pôs mais vinho sobre a mesa e o bater da caneca contra as tábuas fez com que um serão novo começasse. O homem engoliu a sua dose sem que o rosto perdesse a palidez. Compreendeu que tinha de explicar-se porque ao beber rodara um pouco e colocara-se como um parceiro de conversa entre outros dois. Os códigos correctes das tabernas não eram ignorados por ninguém. «Estou mesmo no *Lord Nelson*?»

— Sim, senhor. Uma estalagem que tem trato até com Deus. Já foi propriedade de vigários e quando St. Mary esteve em obras celebravam-se aqui os baptizados. E eu, Timothy Wormald, sou sacristão. Pode ver como é tudo respeitável. O cavalheiro inglês não é, pois não?

«Luso. De Portugal», gemeu o homem. Estava exausto de mais para recordar. «Mas vim há muitos anos para cá. Com as tropas do Duque de Wellington.»

O ruivo inclinou-se para a frente e depois arrastou toda a cadeira: — Andou nas guerras com o Duque?

«Andei.»

— Contra Napoleão?

«Isso que tem?»

— Homem, é um herói.

«Não há heróis. Dentro das guerras nunca se percebe nada. Eu, por exemplo, nem um tiro disparei.»

O interlocutor estava a fitá-lo com tanta intensidade que o magoava. Mostrava finalmente o rosto magro, com vigorosos traços de irlandês. Os olhos, habituados a captar populações para os outros invisíveis, não se adaptavam facilmente ao modo pouco envolvente dos diálogos comuns. Ganhara fama de dissimulado porque baixava as pálpebras, tentando conter aquele fulgor. Naquele momento, porém, o entusiasmo intoxicava-o, ardia como o álcool e ele brilhava.

— São esses os heróis da minha vida. Cresci com eles, noite e dia, entende?

«Sim», disse o português. «Perfeitamente.»

«Trinta anos e não vos compreendo», gritara a cara dele pelo postigo. Dizia «sim» para acabar ali com a esquisita euforia que soava tão desapropriada ao ambiente. Em resumo, mentia uma vez mais. Era vulgar entre os sobreviventes. Dentro do *Lord Nelson*, Timothy Wormald tolerava comportamentos que, enquanto capelão, no rigor dos domingos, proscovia. O português, mais do que um homem sem carácter, parecia gasto pela sua própria história. Não se achava à altura do lugar. O estalajadeiro pôs na chapa um naco de toucinho. Com certeza que o forasteiro tinha falta de comida. Ele inclinou-se para agradecer. Ainda assim, continuava branco e sem vontade de comunicar. Percebia-se bem que a velha guerra descera no sistema da memória e jazia em camadas subterrâneas. Ao contrário de muitos outros casos, não produzira uma mitomania. Mas o pequeno ruivo, ante a presença tão física de histórias da infância, aguardava o relato, iluminado por uma espécie de antecipação. Wormald achou que o homem era ingrato.

— Fale um bocadinho aqui com o senhor Brontë. Não pense que se trata de um inútil. Com esta idade sabe mais que os mestres. É capaz de escrever com as duas mãos ao mesmo tempo, um lado em grego, outro em latim.

O português passou os dedos pela boca, depois lambeu-os, evitando o desperdício. Toda a sua atenção se concentrava no ali-

no, no pedaço de toucinho. Os seus olhos tornavam-se pequenos. Havia nele um organismo que se enrola para minimizar os prejuízos. Os outros aguardavam, sem piedade.

— Este senhor é Patrick Branwell Brontë. O Brontë dele não se relaciona com o duque de Bronte, o Lord Nelson que é a glória de toda a Grã-Bretanha. Não foi só esta, muitas estalagens passaram a usar o nome dele.

— Enquanto o meu nome de família morre comigo — disse Patrick Brontë. Sabia produzir frases amargas numa voz complacente e musical. Wormald perguntava-se a si mesmo se deveria pôr mais uma vela. A que ardia na mesa tremulava, já sem volúme, uma mortalha de si própria. Ele sentia-se um tanto compelido a fazer o retrato elogioso de Patrick:

— É o chefe da estação. Um dia destes chamam-no de Manchester. Talvez até de Londres. Porque ele pinta e faz bons versos, pode acreditar.

O forasteiro dobrava o peito para o chão. Patrick pusera-se entretanto a odiar, cerrando os dentes, o estalajadeiro. Tudo aquilo que ele dizia o humilhava. Wormald não via nele senão o bêbedo, o brigaço que não queria regressar ao seu quarto alugado a meio do monte. Permanecia no *Lord Nelson* tanto tempo que tinha uma cadeira exclusiva. E a sua imagem, tão miúda e desfocada, tão sugestiva de uma perdição nas suas cores, no seu afilamento, dava uma informação de um só sentido. Era alguén que gastara o seu carácter tal como outros gastavam uma herança. Timothy Wormald atribuíra-lhe uma glória cuja irrealdade o exasperava porque, no fundo, acreditava nela. Toda a sua família acreditara, para lá dos limites do bom senso. Mas não restava, no pequeno Brontë, vestígio algum daquilo que prometera. Trabalhava naquele fim do mundo, entre comboios de mercadorias, dispondo apenas de um subordinado no qual confiava mais do que devia. Os seus cadernos tinham manchas negras e números de carga misturados com pedaços de textos literários.

Começava a sentir-se arrependido do modo como recebera o português, pedindo-lhe o estatuto de emissário das suas fantasias privativas sobre uma guerra que jamais coincidira com a guerra

real entre as nações. Então, o forasteiro deslizou muito suavemente da banqueteta. A manga do casaco, já enxuta, arrastou um pedaço do braseiro e um cheiro a fazenda chamuscada fez o estalajadeiro reagir. Patrick Branwell Brontë olhava para o homem desmaiado nas lajes, para Wormald que o arrastava pelas pernas para longe do lume, praguejando. Tudo aquilo lhe parecia natural. Aquele estrangeiro não honrava uma catástrofe que obviamente o escolhera a certa altura ou mais do que uma vez na sua vida. Aquele corpo abatia-se a si próprio. Wormald deitou-lhe um pouco de vinho sobre os lábios mas quase todo o líquido escorreu em duas linhas roxas, queixo abaixo. Não era uma bebida para estragar. Havia tanto de irritação como de socorismo nas pancadas que deu contra aquele rosto com a mão cheia até que o homem despertou.

No andar superior do *Lord Nelson* estava instalada a Biblioteca de Luddenden. Funcionava por quotasções numa organização quase sem falhas. Os livros mais ousados em política e em filosofia tinham sido expurgados anos antes, de maneira que a correção moral dos conteúdos constituía uma sólida certeza. Os sócios, todos eles respeitáveis, atravessavam os vapores alcoólicos, o fumo e os impropérios da taberna para subirem a escada e não mostravam qualquer constrangimento no trajecto. Entre eles e os operários muito bêbedos erguia-se uma sábia opacidade. Só Patrick Brontë desfrutava de ambos os pisos. Nunca se fez membro e o seu acesso aos livros tinha o gosto de uma coisa pueril, como o esgueirar-se desnecessariamente pela janela. E conhecia bem todos os cantos, os canapés não muito confortáveis, o armário com os livros do registo quer das aquisições quer dos empréstimos. Por isso foi à frente, a preparar um velho cadeirão adamacado que todos evitavam por cerimónia, enquanto Timothy erguia o homem com a facilidade de quem já encaminhou muitos embrigados.

O português mostrou-se intimidado pelos vultos dos livros nas estantes. A presença de humanos confortou-o. Timothy Wormald

deu-lhe um cálice de Porto e isso ou a memória do desmaio tornou-o de repente loquaz.

«Porto, não é?» Olhou para a garrafa que reflectia a vela como um espelho. «Vim no engodo desse Porto. Diziam que era o ouro do português. Diziam mal. Para o português, ouro nenhum. Fiz todos os trabalhos que Deus quis mas de negócios, nada. Eu já sabia.»

Patrick Branwell interessava-se outra vez. Passava por ali um fatalismo, um sentimento que adocava o ar. E o obséquio do vinho, daquele vinho que o iludira como uma mulher, despertava no homem uma nova disposição para as confidências pessoais. Agia finalmente como alguén que tivesse chegado ao seu destino. O álcool não lhe devolvera a cor e ele falava com esforço, suspirando. Havia, no entanto, alguma pressa, uma tendência para resumir, e a sua juventude, com a guerra peninsular e os exércitos ingleses que tentavam, em vão, criar maneiras nos portugueses que se incorporavam, pouca atenção ganhou na narrativa. O jovem Brontë desistira de perguntas. O encaivalgamento das palavras do português determinava o ritmo. Wornald desceu para avivar as brasas e levou muito tempo a regressar.

«António Pires», apresentou-se o homem. E esclareceu que esse era um nome sem nobreza, um nome a condizer com a sua vida. Não chegara a formar uma família, não chegara sequer a ter amigos. Andara de um trabalho para outro, de um lugar para outro, transformado por uma terra cujos habitantes tinham grandes segredos a guardar. Não existia ali a porta aberta, a ofensa, o regateio. O próprio medo parecia algo de incommunicável, ficava atrás dos rostos, a escurecer. Ele ia de província em província como um enfeitado, sem projecto. Tinha aprendido facilmente a língua porém nunca enganara um inglês. Desconfiavam dele por instinto e, no entanto, davam-lhe trabalho. Nas tabernas, gostavam de o ver bêbedo. Ele chorava e cantava, com langor. A certa altura convenceu-se de que o sol, a alegria histórica dos seus compatriotas estavam fora do alcance para sempre e de que aquele estatuto de estrangeiro, ainda que inferior, lhe fornecia uma pátria pequena para seu uso e sua pessoal exibição. Estranhamente, a guerra de onde vinha não

lhe dava pretextos para brilhar. Ele vira alguns confrontos em colinas, entrara nas igrejas saqueadas pelos franceses e benzerá-se. Mas das grandes batalhas não sabia. Rastejara, entre as ervas, devorado por uma sede intensa. O cavalleiro que lhe desculpassse, disse, fazendo vênia a Patrick Branwell, mas da guerra ele lembrava-se da sede. Wornald, estimulado pela palavra, serviu-o de outro cálice de vinho. António Pires sorriu-lhe. A gratidão confundia-se um tanto com lascívia nos seus olhos escuros e pouco abertos.

A sua fala revelava uma distância, quase um processo de elaboração que remetia aquele passado para a pura suavidade de uma coisa dita, uma coisa que tinha por missão arrepiar um pouco e seduzir, como todas as histórias inventadas. O corpo dele, envesdido e gelado, descolava-se muito das palavras, alastrava no velho cadeirão com a inconsistência de uma sombra. Ao clarão da manhã, dissipar-se-ia com os restantes pesadelos da vila. As batidas do tempo começavam a exercer pressão em Patrick Branwell, que via Wornald bocejar e detectava, numa subtil luminescência dos objectos, o fim das horas próprias ao inconfessável. Tocou no português para o estimular, empurrando-lhe o peito com os dedos.

— E que lhe aconteceu agora, aqui? Porque andava à procura do *Lord Nelson*?

António Pires reagiu. Dir-se-ia que o contacto de Patrick o queimava. Voltava a ser um homem assustado, um homem singular no seu terror. «Eu preciso é de um padre! Um padre a sério!

Um padre que me possa perdoar!»

— Eu sou o sacristão — lembrou Wornald. Porém, fazia-o sem entusiasmo. Estava, de facto, muito fátigado e o português deixara de interessar-lhe. Anos atrás, quando a igreja fora refeita e ampliada, os baptizados celebravam-se dentro da estalagem. Era um lugar de Deus ao mesmo tempo que um lugar de consolo pelo vício. Wornald pensou tudo isto mas achou que não se impunha um tal esclarecimento. Talvez fosse católico, o estrangeiro. Tratava-se de gente choramingas, sem resistência aos desafios morais.

— De que pecados quer falar? — perguntou Patrick. — Perdoar, não. Ninguém perdoa aqui. Mas fale comigo. Eu gosto de pecados.

português chegou-se para trás. Existia no outro aquela gula que a confundir um curioso com um ser desprovido de pudor. Não tinha, porém, como se deter. O espírito do álcool animava-o, fazia o seu trabalho habitual, gerando incontinência nas palavras. Era uma daquelas circunstâncias em que se balbucia e, no entanto, se comunica formidavelmente.

Ele viera apalavrado para uma das fábricas de lã de Luddenden. Tinha a carta no bolso ou, pelo menos, assim supunha. Não verificara. Acontecia muito raramente admitirem-se empregados no Inverno, mas naquele lugar, de vez em quando, alguém meia pela estrada fora, sem avisar, e nunca mais voltava, deixando vago um posto de trabalho.

— É certo — disse Patrick. — Vê-se ao longe um vulto contra a neve e nada mais.

António Pires entrara no comboio e enganara-se no sítio da saída. O comboio parara a meio do nada como às vezes parava. Ele avistara uns telhados cinzentos e descera, confundido pelas névoas do crepúsculo. Alguém gritou para o avisar, lembrava. Mas julgou que troçavam, que diziam o adeus de quem vê um solitário a caminhar sem muita convicção. O comboio servia muito mais para transportar carvão do que pessoas. E as próprias pessoas que ele levava deixavam certa sujidade no contacto. Tudo o que ele queria era chegar ao seu destino, procurar a estalagem de *Lord Nelson* onde o esperava uma primeira refeição e cujo dono o encaminharia para a fábrica onde iria trabalhar. Por sobre o gelo e a negridão das urzes, dirigiu-se ao aglomerado de edifícios. Atravessou a ponte sobre um rio que levava águas bravas, cor de cobre. E quando se virou, com a certeza de que não se apareara em Luddenden, viu a locomotiva a fumegar, numa distância já fora de alcance quer dos seus gestos, quer da sua voz.

Os edifícios não passavam de ruínas, umas grandes ruínas con-ventuais. Mostrava mais tijolo do que pedra nas paredes semidesmoronadas, denunciando assim uma pobreza que contrastava com

a amplidão. António Pires não era assustadíssimo. A perspectiva de passar a noite que avançava depressa num local abandonado não o perturbava. Tinha os recursos de um sobrevivente. Sabia estabelecer prioridades e sabia o tamanho dos perigos aos quais um imprudente se exporia se desprezasse as trevas naturais. Havia, aliás, vestígios de outra gente que se abrigara ali: cinzas, excrementos. O coração batia-lhe sem glória, tal como um coração apavorado, enquanto ele procurava troncos secos. Só minutos depois compreendeu aquilo que o coração estava a ouvir.

A voz chamava muito fracamente, num misto de canção e de queixume. Ressoa por dentro das abóbadas e, a espáços, perdia-se nos ares que revolteavam pelas fendas. Era uma voz claríssima, apesar da pouca intensidade. O português ficou imóvel e pensou que a voz chamara por ele desde o comboio, ou mesmo antes, que aquela voz chamara toda a vida, criando o movimento que o forçava, tanta deslocação de terra em terra.

«Recorda-te de mim», dizia a voz, numa frescura de rapariguinha. António Pires benzeu-se. Conhecia as histórias das almas em tormento. Achava-se preparado para tudo menos para essa espécie de terror. Mas a luz do crepúsculo penetrava ainda muito dentro das ruínas. Estava longe de oferecer consolo mas, pelo menos, propunha um contraponto, suavizava a imaginação. O português ganhou a calma necessária para se adentrar um pouco mais, dizendo para si próprio que fazia apenas o reconhecimento do terreno. Não se tornava fácil perceber qual o plano daquela arquitectura, ao mesmo tempo ambiciosa e descuidada. Os corredores, cheios de um vento duro que podia, sozinho, responder pela destruição, desembocavam em recintos isolados onde alguns bichos iam procriar. A voz aproximava-se e fugia. António conseguiu escutar os passos, uns passos muito leves. E, pensando ler um sinal humano nesse som, seguiu-lhe no encalço com bastante menos receio e muito mais prudência. Deixou de ver subitamente, o que era um facto habitual naqueles Invernos. E, embora receasse uma cilada, dizia para si próprio que uma tão violenta escuridão não poderia senão provir de causas naturais. Por isso, ao divisar ao fundo um vulto cuja brancura a custo se afirmava, António Pires pôde racio-

cinar, interpretar a escassa informação e concluir que havia ali uma mulher.

A mancha, vagamente feminina na sua forma de panejamento, mostrava mais da sua condição numa fragilidade que a fazia dilatar e encolher como quem treme. Dela vinha, sem dúvida, essa voz que lhe soava tão familiar porque era a voz de uma mulher magoada. Ele conhecia-a desde que nascera, na toada da mãe cansada e cheia já de outro filho, nas raparigas com os dentes negros que cantavam nas ruas de Lisboa. As inglesas não cantavam, porém riam e o alto riso ecoava nas vielas, angustiado os transeuntes a tal ponto que às vezes apareciam estranguladas. As mais sérias preferiam recitar mas, nas noites de Verão, pelas janelas, passavam estâncias de melancolia em que a má sorte se denunciava. António Pires pensou que, a existir uma ameaça na aparição, seria o excesso de imaginação com que as mulheres, ainda quando inglesas, vêem surgir paixões em cada esquina. Num misto de luxúria e caridade, aproximou-se. Ela emanava certa luz, uma radiação de rapariga e os traços do seu rosto distinguíam-se, levemente azulados. Tinha um vestido largo e mal talhado, talvez uma camisa de dormir já muito massacrada pela lama. Qualquer inglês suspeitaria de imediato que se tratava de um tecido de mortalha e trataria de escapar depressa, sabendo que a mulher esvoaçaria. Ao português, porém, faltava aquela educação que atribuíra aos mortos um ser físico. Os fantasmas das terras lusitanas não atingiam mais que a transparência e de maneira alguma conduziam a lúcido dos homens ao equívoco. E ele, que havia quase trinta anos ia calcoteando aquele país, não trocava de fé nem de visões. Na completa ignorância do real, António Pires chegou-se à rapariga e propôs-se acender uma fogueira.

«Oh, não acha que estamos bem assim?», retorquiu ela. A sua voz tremia, e isso dava aos ouvidos masculinos uma promessa de submissão. Ele pensou que uma forma de pudor lhe estava a existir a escuridão e o pensamento entrou no corpo e aqueceu-o. «Perdeu-se no caminho?», perguntou.

«Perco-me sempre.» Sussurrava, perto do cabelo do homem, sussurrava sem hábito. «É o senhor?»

«Querias sair em Luddenden.»

«É perto. É por onde o reverendo Grisham anda.»

«Disso não sei», respondeu ele. Não conseguia evocar um reverendo sem censura. Os padres não deviam fornicar.

A mulher riu. A sua carne jovem dava sinais por baixo do vestido. O sexo distraía o português da história que ela tinha para contar. Era a história de amor de William Grisham, cuja mulher morrera muito nova. Ele como que fugira do lugar, tomara conta da paróquia de Haworth onde a boçalidade e o desrespeito pelos ministros de Deus criara fama. A amargura do reverendo que, a princípio, fizera dele um homem revoltado tomou depois a direcção correcta. A igreja que Grisham encontrara vazia foi-se enchendo com a gente que ele tirava, à força de chicote, das tabernas. Muitos anos depois, quando o erudito Patrick Brontë herdou aquele lugar, já desfrutou de uma população disciplinada que apreciava o improviso dos sermões. No momento da morte, William Grisham exigiu que o levassem pela charneca para ser enterrado em Luddenden, dentro da sepultura da mulher. Os homens de Haworth carregaram o caixão pelos campos agrestes, escorregando, intrigados com o peso excessivo daquele velho. Nenhum deles revelou essa vontade que os tornava nervosos, o desejo de espreitarem para dentro, a confirmar se o aspecto de Grisham se mantinha.

Quando ampliaram a igreja e aquela zona do cemitério desapareceu, o casal de cadáveres retomou a sua trajectória sobre a terra. Rara era a noite em que um dos habitantes não ia dar com a cama amarrutada e respeitosa se mudava com a esposa, se a tivessem, para a cozinha. Se o forasteiro se instalasse em Luddenden, talvez viesse a receber essa visita. Mas tal ocasião não haveria.

Se António Pires seguisse a narrativa, este final deixá-lo-ia apreensivo. Porém, aquela voz entorpecera-o e ele oscilava, sob o peso de uma hipnose e de uma forte excitação sanguínea. Tinha grande experiência de bordéis mas não sabia como a aplicar. Só quando o riso da desconhecida se tornou gutural, como o que vinha do opulento peito das rameiras, ele investiu sobre aquele corpo que afinal revelava magreza e frigidez.

qui, entre homens, posso confessar que jamais conheci um <sup>modo</sup> assim. Não que ela tivesse arte. Certamente era uma dessas de que ouvi falar, das que se deitiam sem fazerem nada. Os senhores desculpem o à-vontade. Não vejo outra maneira de contar. Chegado a certo ponto, ela mordeu. Cravou-me os dentes no pescoço, sem largar. Doía. E vinha, dessa dor extraordinária, um prazer de uma tal ordem que eu, às tantas, perdi a consciência. Mas, quando abri os olhos, o que eu vi...»

O português furtava o rosto aos seus ouvintes. A vela, quase inteiramente consumida, emitia uma chama irregular. As sombras ondulavam e as estantes saltavam por momentos das paredes. Patrick Branwell Brontë levantou-se. Estregava a nuca, com per turbção, e as suas passadas tinham ar de serem provocadas pelo escândalo. Mas as palavras iam empurradas, já não pela vontade do falante mas pela sua força de atropelo.

Timothy Wornald, entretanto, reagira à sonolência provocada pelas horas. Escutava o relato sem paciência, mudando a posição a cada instante. A pressa fora um elemento dessa noite, uma pressa sem tempo, inexplicável, que continuava a exercer pressão. Quando o reverendo Grisham foi citado, ele deu, movendo as mãos, a entender que dispensavam bem essa passagem. A história pertencia a Luddenden e não ficava bem em boca alheia.

— O pastor de Haworth é o pai aqui do Patrick — disse, usando de alguma brusquidão, para mostrar que conhecia o episódio e as personagens. O português não reparou que ele evitava cruzar o seu olhar com Patrick Branwell. Queria chegar ao fim e adoptava uma postura de supplicante, de alguém que reza para ser ouvido.

«Abri os olhos», insistiu. «Continuava aquele escuro cerrado mas eu vi. A mulher estava em pé, à minha frente, e o seu vestido endrecera. Mais parecia uma estãua tingida de vermelho. Subitamente eu percebi que me deitara entre as pernas do diabo e persignei-me. Isso não lhe fez nada. Ela sorriu.»

— E então mostrou-lhe os dentes, caninos longos, os caninos de uma fera.

«Não. De que dentes fala? Ela sorria como as mulheres seguras de si mesmas. Surgia já pelo arco da entrada uma névoa, o cinzen-

to da manhã e eu pensava apenas em fugir. No entanto, tinha de passar por ela. Fechei os olhos para rezar mas não sabia que oração poderia socorrer-me. Senti então a sua mão tocar-me. Havia muita paz naquela mão. Atrevi-me a espreitar por entre os dedos. Então pensei que delirara toda a noite pois vi apenas uma menininha.»

Aparentava uns dez, onze anos, disse. E o seu vestido fora feito para o Verão, de um pano leve onde bordaram flores azuis. Os anéis do cabelo começavam a fulgurar nessa manhã pequena, nessa manhã ainda por nascer. Estava a dirigir-se para a saúde e tudo nela se encontrava limpo, sem vestígios de lama ou de vermelho. A cara dela não se distinguia, nem mesmo quando, ao fundo, se virou: «Recorda-te de mim», pediu.

António Pires viu-a desaparecer e a memória daquilo que acontecera horrorizou-o. Havia confusão na sua mente porém não no seu corpo masculino, exaltado e exausto. Do sêmen que vettera para o tecido das suas calças vinha o cheiro adocicado que umas horas depois se modifica. Não tinha forças para dar um passo. Pensou nessas crianças dos asilos que às vezes se escapavam e enchiam as escadas de acesso aos lupanares. Nada, porém, naquela rapariga indicava abandono ou privações. «Que espécie de gente são vocês», perguntou bruscamente o forasteiro, «para deixarem sair assim as filhas? Falta-lhes é conventos. Falta tudo o que pode salvar um bom cristão.»

Timothy Wornald não lhe ripostou. Uma compreensão assustadora contraía-lhe a testa.

— Como veio até ao *Lord Nelson*?

«É que não sei. É que não dei por nada. Foi como se voasse até aqui. Aquele grande pecado endoideceu-me.»

O estalajadeiro aproximou-se e forçou-lhe a cabeça para o lado. — Veja — disse para Patrick. O jovem Brontë não lhe deu atenção. Olhava em falso para uma superfície inexistente. — Estão aqui duas marcas bem visíveis. Por isso é que se sente assim tão fraco. Ouça, não há vampiros na sua terra? Mortos que bebem sangue e contagiam?

«Temos as bruxas e os lobisomens, e já nos chegam», ponderou António Pires. «O que há no meu pescoço?»

— Há a dentada. Homem, hoje ainda não, mas amanhã você também se torna um vampiro. Fuja, volte para lá. O meu dever era matá-lo aqui agora mesmo.

O português tentou rir alto mas as forças consentiram-lhe apenas um gemido. Nunca entendera o humor dos ingleses e, para os enganar, estudara certa crispação de malícia nos seus olhos que costumava anunciar a ironia. Mas quase nunca interpretava os sinais bem e as gargalhadas que soltava a despropósito levavam ao silêncio os ingleses.

— Só o aviso porque você estava realmente inocente. Não sabia. Com um de nós isso não ia acontecer. Ninguém se abriga à noite nas ruínas.

«São as ruínas de um convento.»

— Não, não são — disse Patrick. Falava iradamente e os seus membros miúdos e elásticos batiam, numa espécie de voo. Assim diziam que caminhava o filho de Coleridge com quem Patrick Branwell se encontrara. Mas neste caso não se expunha uma leveza, a qualidade própria de uma cria gerada entre poemas e opiáceos. Patrick lidava com o horror, aquele que nos rebenta o rosto se for dito.

Wormald compadeceu-se do estrangeiro, tão condenado e tão ignorante. — Não são — repetiu ele, suavemente. — A construção junto da ponte era um abrigo para os caminhantes. Caiu por ele, como tinha de cair. Ninguém passava ali mais que uma noite. E depois a palavra circulou e há muitos anos que ninguém lá fica.

«Havia cinzas.»

— Outros forasteiros. Pois você sabe bem como a voz chama. O português passou as mãos pelo corpo. Percorria-o um frio, um mal-estar. A sua carne havia percebido mais cedo do que ele e transformava-se. Cheias de pó, as veias tinham sede. As histórias de aldeia da infância contavam como um homem assistia à eclosão do lobo, do focinho, das garras em si próprio, ao plenilúnio. E, no entanto, o processo de transfiguração não era equivalente. O lobisomem vagueava pela noite com tristeza. Não chegava a pecar. Sofria só. Mas na mulher e na rapariguinha vibrava uma alegria, uma maldade. E o sexo dominara aquele encontro, não

um sexo animal, irresponsável, mas um sexo indiciado de toda culpa humana, em que também a alma se implicava.

A luz da vela tinha-se extinguido sem que os vultos, por isso, se sumissem. Era a manhã que entrava pelas frestas. Timothy Wormald sacudiu o português.

— Volte, volte para lá. Eu dar-lhe-ia o consolo da igreja, se pudesse. Mas a igreja não vos tem em conta. Não são coisas de Deus nem do Diabo. São coisas de um poder que ainda anda à solta.

Com lentidão, abriu uma portada e António Pires encolheu-se, defendendo as pálpebras fechadas com os dedos.

— Hoje é a transição e já lhe custa. Amanhã, morre à menor luz do dia. Saia, corra de volta para o abrigo. Sobretudo, não fale com ninguém. Veja os seus dentes. Já não são normais. Se alguém desconfiar, espeta-lhe um pau pelo peito dentro, até que saia o grito.

«Não compreendo», disse o português. «Não compreendo nada do que dizem!»

Mas tinha apenas o estalajadeiro como interlocutor. Patrick Branwell deixara de falar. Ia pisando, com uma grande cólera, o soalho.

Ao lamento de António Pires estacou.

— Levante-se, que eu vou consigo até lá — disse.

O estalajadeiro recuou sob o impacto da surpresa:

— É doido?

— Eu levo o homem para o seu destino. «Recorda-te de mim»:

tem a certeza de que foi isso o que a criança disse?

— Disse-o a voz, assim que me apei. Essa voz foi o fio que me prendeu. Se se aproxima, está sujeito ao mesmo.

— Essa criança é a minha irmã Maria. Essas palavras são-me dirigidas. É a minha irmã morta que me chama. Ouvi-a muita vez. Só que até hoje eu nunca soube de onde me chamava.

— Uma vampira já não chama por ninguém — disse Wormald, com a sua autoridade. Recebiam os três a cor leitosa que entrava pela janela e a palidez tomava-se comum a toda a sala. Os livros branquejavam como ossadas.

Patrick Branwell repetiu:

## Hélder e Djalme

### I

A mulher vem da Grécia, onde a paisagem é ensurdecedora. A paisagem falante entra nas casas, mistura-se na sesta, não descança. A intensa linguagem dos antigos foi soterrada com a sua morte, porém não se desfez. Ficou inscrita no interior das pedras, nos torrões, nos olivais em cujo corpo ainda se nota algum estremecimento quando descem pelas encostas azuis até ao mar. A exaustão que muitos visitantes atribuem ao esforço das subidas deve-se, mais que tudo, a tanta voz. Há um efeito de atordoamento de que ninguém consegue aperceber-se. A escala humana, só a vibração das asas das cigarras atinge os tímpanos, se torna inteligível como um som. É a camada superficial da canção sem garganta. Isso, eles entendem. Tudo o resto, não. O encontro que esperavam não existe. Tomam, sem pressa, o alimento dos turistas, as praias com arbustos, as varandas que a madrugada não arrefeceu.

Fora de alcance, um texto revoltoso abre fendas na rocha, grita, grita. Esgueiram-se os fragmentos de epopeias como pequenos animais magoados. Ainda há tímbreres que se reconhecem, por exemplo, o de Péricles em Atenas, convocando para a guerra, mais que os deuses, a obra erguida pelas mãos dos homens. Noite após noite, o campo de ruínas devolve aos ares a voz que o impregnou e ela esvoaça em volta da Acrópole, à altura dos ombros dos passantes. Os mais afortunados deles hesitam por um instante,